

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16018 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

As curvas de acesso e o direito à educação: análise das trajetórias escolares de estudantes do Paraná de 2012 a 2017

Milena Primo Fenelon - UFPR - Universidade Federal do Paraná

AS CURVAS DE ACESSO E O DIREITO À EDUCAÇÃO: ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DO PARANÁ DE 2012 A 2017

RESUMO: Este artigo analisa as trajetórias escolares de estudantes do Paraná, a partir da análise das curvas de acesso empreendida por Simões (2016, 2019), a qual permite observar aspectos como a integralidade e a universalidade da educação básica como forma de compreender os níveis de acesso e de desigualdade entre grupos de estudantes, considerando marcadores sociais e de escolaridade. Este estudo, de caráter quantitativo e longitudinal, tem como coorte os estudantes matriculados no 6º ano do ensino fundamental em 2012 no Paraná e, para a análise das curvas de acesso, foram criados oito grupos organizados por sexo, distorção idade-série e se o estudante é público da educação especial. Os resultados apontam que, dentre as variáveis analisadas entre os grupos, a variável distorção idade-série é um condicionante da trajetória dos estudantes e pode ser um importante fator para trajetórias interrompidas, que não garantem a realização do direito à educação em suas múltiplas dimensões.

PALAVRAS-CHAVE: Curvas de acesso. Trajetórias escolares. Direito à educação. Desigualdades.

A presente pesquisa teve por objetivo a análise das trajetórias escolares dos estudantes matriculados no 6º ano do ensino fundamental no Paraná em 2012 e, a partir disso, analisar as curvas de acesso de grupos organizados por sexo, distorção idade-série e se o estudante é público da educação especial (PEE). A pesquisa utilizou os dados de 2012 a 2017, tendo em vista a disponibilidade e divulgação dos microdados do Censo Escolar pelo INEP.

O estudo de trajetórias escolares permite analisar princípios garantidores do direito à educação, como o acesso, a permanência e a conclusão da educação básica. Desta forma, ressalta-se a importância de que o estudante não apenas tenha acesso à escola, mas que seja capaz de permanecer e concluir seus estudos, de preferência na idade esperada para a etapa em que se encontra.

Segundo Soares et al (2021, p. 2), “em um sistema educacional eficaz, todos os estudantes da mesma coorte de nascimento seriam matriculados na mesma idade em uma

escola de educação básica e permaneceriam no sistema até a conclusão desse nível de ensino na idade fixada em lei”, no entanto, esse é um ideal que ainda não foi alcançado.

Neste sentido, ao analisar as trajetórias escolares, é possível acompanhar as transições dos estudantes ao longo dos anos de escolaridade e das etapas da educação básica, a fim de verificar aprovações, reprovações e a permanência do estudante durante seu percurso escolar. Ainda, é possível identificar padrões no sistema de ensino ao serem verificadas altas taxas de evasão e repetência relacionadas a grupos específicos de estudantes, as quais indicam a importância de serem revistas e reformuladas as políticas educacionais em vigor.

De acordo com Soares et al (2021), não é possível dizer que o direito à educação está plenamente garantido a todos, visto que mesmo após o acesso à escola, muitos estudantes possuem trajetórias interrompidas por diversas barreiras, como a reprovação, o abandono ou a evasão. Os autores analisam também como essas trajetórias interrompidas estão relacionadas às desigualdades presentes em nosso país. Assim, as trajetórias escolares refletem uma gama de possibilidades relacionadas ao percurso educacional de um estudante, o qual pode representar a realização ou a violação do direito à educação (Johnson, 2021).

Os dados sobre os estudantes da coorte analisada foram organizados em uma perspectiva longitudinal, o que permite o acompanhamento das trajetórias escolares. Nesta pesquisa, optou-se por analisar as trajetórias partir de uma tipologia com três categorias, articulada às curvas de acesso, indicador desenvolvido por Simões (2016 e 2019), que permite identificar níveis de acesso e de desigualdade.

As três categorias da tipologia de trajetória foram assim definidas: I) trajetória contínua, composta por estudantes que alcançaram o 2º, 3º ou 4º ano do ensino médio até 2017; II) trajetória interrompida com uma reprovação ou abandono, composta por estudantes que ingressaram o 1º ano do ensino médio até 2017, tendo uma experiência de reprovação ou abandono ao longo de sua trajetória; e III), trajetória interrompida com múltiplas reprovações ou abandono, caracterizada por estudantes que não acessaram o ensino médio.

A tabela 1 apresenta a distribuição dos estudantes da coorte nas três tipologias de trajetórias criadas para este estudo. Para sua elaboração, considerou-se a última série de matrícula e todos os casos do banco de dados, incluindo aqueles que estavam ausentes ao final do período analisado. A manutenção dos casos para quais não há informação pode ter inflado a categoria III das trajetórias. Verifica-se que há uma maior distribuição dos estudantes na primeira trajetória, indicando que 48,1% dos estudantes alcançaram pelo menos o 2º ano do ensino médio dentro do período esperado, caracterizados por terem uma trajetória contínua; 18,2% tiveram sua trajetória interrompida por uma reprovação; 33,7% tiveram sua trajetória interrompida por múltiplas reprovações.

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes segundo a tipologia de trajetória.

		<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Tipologia de trajetória</i>	<i>Trajetória I</i>	83.226	48,1
	<i>Trajetória II</i>	31.474	18,2
	<i>Trajetória III</i>	58.264	33,7
<i>Total</i>		172.964	100

Fonte: Elaborado pela autora com base nos Microdados do Censo Escolar de 2012-2017 (INEP).

Ao analisar a universalização da educação básica, Simões (2016) aponta que foram utilizados indicadores como a taxa líquida de matrícula e a taxa de atendimento, por exemplo, mas que bastava apenas a matrícula das crianças na escola para considerar a universalização do ensino, sem haver um olhar para o ano de ingresso do estudante ou se havia evasão antes de concluir a educação básica, por exemplo. Por essa razão, Simões (2019) amplia o conceito de acesso escolar, abrangendo dois conceitos, o da integralidade e o da universalidade. De acordo com o autor, a integralidade diz respeito à garantia de matrícula e o acesso a todos os anos da educação básica, já a universalidade busca assegurar a todos o acesso a todos os anos escolares, sem que o nível socioeconômico, cor/raça e gênero, por exemplo, sejam impeditivos para a continuidade dos estudos ou sejam fatores que influenciem a trajetória de um estudante.

Desta forma, Simões (2016) apresenta as curvas de acesso como um indicador capaz de identificar limites e desigualdades no que diz respeito ao acesso à educação, uma vez que permite analisar padrões e tendências entre diferentes grupos, organizados por idade e por renda.

Para analisar as curvas de acesso da coorte desta pesquisa, foram criados oito grupos, considerando as variáveis: sexo, ser estudante do público da educação especial e situação de distorção idade-série em 2012. A organização e distribuição dos grupos pode ser observada na Tabela 2.

Verifica-se que os grupos de meninas sem distorção idade-série (grupos 1 e 3) concentra maior percentual na tipologia de trajetória contínua, já as estudantes com distorção idade-série (grupos 2 e 4) predominam na terceira tipologia de trajetória.

Com relação aos grupos dos meninos, verifica-se que a distribuição é semelhante à das meninas. O grupo 5, de estudantes sem distorção idade-série e não PEE tem uma concentração maior na tipologia I de trajetória. No entanto, os grupos 6 e 8, caracterizados por estudantes com distorção idade-série, possuem um percentual maior na trajetória III, indicando que, quando um estudante possui distorção idade-série no início de sua trajetória nos anos finais do ensino fundamental, essa condição pode influenciar na produção de trajetórias mais interrompidas.

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes com relação aos grupos criados e às tipologias de trajetórias.

			<i>Tipologia de trajetória</i>			<i>Total</i>
			<i>Trajetória I</i>	<i>Trajetória II</i>	<i>Trajetória III</i>	
Grupo	<i>G1 - Meninas, s/ distorção, n/ PEE</i>	N	43.009	11.000	11.092	64.801
		%	66%	17%	17%	100%
	<i>G2 - Meninas, c/ distorção, n/ PEE</i>	N	1.354	1.132	6.915	9.301
		%	14%	12%	74%	100%
	<i>G3 - Meninas, s/ distorção, PEE</i>	N	618	286	335	1.239
		%	50%	23%	27%	100%
	<i>G4 - Meninas, c/ distorção, PEE</i>	N	327	170	797	1.294
		%	25%	13%	62%	100%
	<i>G5 - Meninos, s/ distorção, n/ PEE</i>	N	34.771	15.470	18.335	68.276
		%	51%	23%	27%	100%
	<i>G6 - Meninos, c/ distorção, n/ PEE</i>	N	1.987	2.452	17.808	22.235
		%	9%	11%	80%	100%
	<i>G7 - Meninos, s/ distorção, PEE</i>	N	711	586	870	2.167
		%	33%	27%	40%	100%
	<i>G8 - Meninos, c/ distorção, PEE</i>	N	449	378	2.112	2.939
		%	15%	13%	72%	100%
Total		N	83.226	31.474	58.264	172.964
		%	48%	18%	34%	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos Microdados do Censo Escolar, 2012.

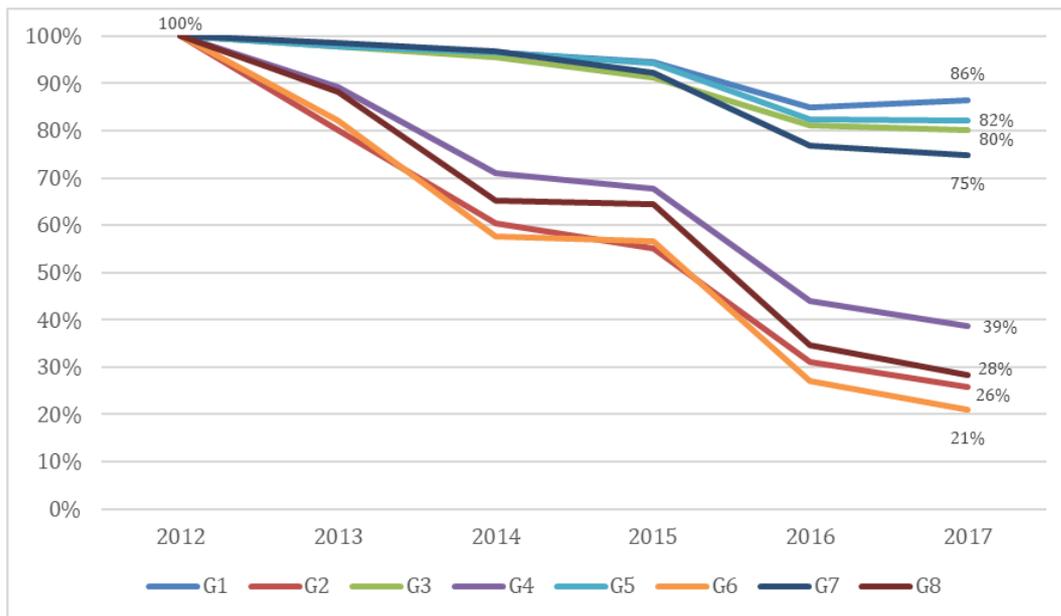
Após a análise por trajetória, verificou-se a necessidade de analisar as curvas de acesso aos diferentes anos de escolaridade, identificando os percentuais dos estudantes que permaneceram na escola em cada grupo, o que revela tendências de queda ou estabilidade ao longo dos anos observados.

Todos os grupos iniciam com 100% de presença em 2012, uma vez que se trata da coorte de análise. Isso permite a comparação da evolução percentual com relação aos demais anos da pesquisa. É possível identificar que há uma queda nos percentuais em todos os grupos. Essa queda é evidente, mas é possível observar que há diferenças significativas entre meninos e meninas, em especial entre os estudantes que possuem distorção idade-série. Os dados revelam que ambos os grupos possuem declínios nos percentuais, mas os percentuais de permanência entre os meninos são ainda menores ao longo dos anos.

O gráfico 1 apresenta as curvas de acesso de cada um dos grupos de estudantes. Os grupos que não possuem distorção idade-série (grupos 1, 3, 5 e 7), chegam até o final do ano

de análise, 2017, atingindo percentuais acima de 75% de permanência. Já os grupos que possuem distorção idade-série (grupos 2, 4, 6 e 8) não ultrapassam 40% de permanência em 2017. Essa informação reitera o que fora mencionado anteriormente, de que os estudantes que iniciam na coorte com distorção idade-série possuem menos chances de chegar às etapas posteriores em uma trajetória contínua.

Gráfico 1 – Curvas de acesso dos grupos de estudantes separados por sexo, distorção idade-série e PEE.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos Microdados do Censo Escolar, 2012-2017.

A comparação indica que os grupos de estudantes PEE apresentam menor percentual de permanência do que os colegas em condição equivalente quando não apresentam distorção idade-série no início da coorte e apresentam maior percentual de permanência do que os colegas em condição equivalente quando apresentam distorção em 2012. Isto sugere que ser PEE pode ter atenuado o impacto da distorção, embora não tenha evitado a queda do percentual de permanência.

A análise das trajetórias escolares permitiu observar que 48,1% dos estudantes realizaram uma trajetória contínua, permaneceram no sistema de ensino e avançaram para as etapas posteriores dentro da idade esperada. No entanto, 52,4% dos estudantes tiveram suas trajetórias interrompidas por uma ou mais barreiras, o que revela a necessidade de políticas educacionais que garantam condições para permanência do estudante ao longo de todo o seu percurso e conclusão da educação básica.

REFERÊNCIAS

JOHNSON, J. DE J. S. C. **Indicadores de qualidade da educação:** um debate sobre trajetórias escolares, 2021. Dissertação (Mestrado em Educação), Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

SIMÕES, A. A. **As metas de universalização da Educação Básica no Plano Nacional de Educação:** o desafio do acesso e a evasão dos jovens de famílias de baixa renda no Brasil. Brasília - DF Inep/MEC, 2016.

SIMÕES, A. A. **Acesso à educação básica e sua universalização:** missão ainda a ser cumprida. Cadernos de estudos e pesquisas em políticas educacionais, 2019.

SOARES, J. F. et al. **Trajetórias educacionais como evidência da qualidade da educação básica brasileira.** Revista brasileira de estudos da população, n. 38, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/9ZRM8LBTqQMhMDQNJdWjQZQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 jul. 2024.